

APPENDIX 7

Interview with Henrique Rosa, former President of Guinea-Bissau (2003-2005)

Interviewer: Nathaniel Cogley (Ph.D. Candidate, Department of Political Science, Yale University) [Portuguese transcription by Claudia Vivacqua]

January 20th, 2010

Bissau, Guinea-Bissau

NC: Can he please describe the situation that had led him being named ínterim President of Guinea-Bissau?

HR: A situação que se vivia na Guiné-Bissau, na altura, era uma situação difícil, em termos sociais havia uma tensão bastante grande porque a gestão que era feita, quer pelo governo quer pelo Presidente da República era uma gestão muito má, podemos dizer. E então, isto criou não só em termos sociais como em termos financeiros, em termos económicos uma situação má, como também, a nível étnico havia uma tensão bastante grande. Então, os militares aperceberam-se do perigo que nós estávamos a correr, e que levaria para uma saída de consequências imprevisíveis, que poderia até ir para uma guerra civil. Então, nessa altura, os militares se juntaram, se reuniram, e decidiram depor o Presidente Kumba Yala. Então foi assim que o Presidente Kumba Yala foi afastado do poder, e então os militares, os políticos e a sociedade civil se reuniram para ver quem que haveria de ficar a frente do país e como os políticos não chegavam a um acordo sobre a figura que havia de ficar. Bom, a sociedade civil entrou e, aí, o meu nome foi falado. O meu nome foi falado porque sempre fui muito ativo na parte da sociedade civil, eu fiz parte de sociedades desportivas, fui Presidente do Benfica de Bissau durante muitos anos, participei de muitas outras atividades sociais a nível do Rotary, eu fui um membro fundador do Rotary aqui na Guiné- Bissau, fui Presidente do Rotary, em 98, também, fui eu quem deu origem àquilo que é hoje a organização da sociedade civil, eu é que liderei, lancei os alicerces para o que é o movimento hoje, isto foi durante o conflito político-militar de 98 e 99. Enfim, eu participei de muitas atividades, a nível da igreja também, então, eu era e sou uma pessoa muito conhecida na praça de Bissau, e isso fez com que o meu nome fosse chamado, e as pessoas concordaram imediatamente com o meu nome. E então, foi assim que eu cheguei a Presidência.

NC: What was his initial reaction when he was offered the position of ínterim President, was he very eager to take the job or did he have some reservations?

HR: A minha primeira reação foi não aceitar, porque nunca me vi na figura de um político, de um homem de serviço público. Eu sempre fui empresário, sempre gostei de estar à vontade, ser livre, ser senhor das minhas decisões e não me via como Presidente da República. Então a minha primeira reação foi de não aceitar, não aceitar assim de imediato, e foi com insistência do nosso Bispo Don José Camnate, em conversa com ele que ele chamou-me a atenção da responsabilidade que nós cristãos temos em relação à nossa vida, não só olhar para nós com egoísmo e pensar só em nós, mas na sociedade onde nós vivemos; temos que olhar a sociedade e temos que ver sempre qual é o espaço da nossa intervenção e o que nós podemos fazer de útil para a nossa sociedade. E foi depois de muita conversa com o Don José Camnate, com quem me aconselhei, é que eu

decidi aceitar. Portanto, não foi uma decisão fácil para mim, não foi fácil, porque eu sabia das responsabilidades, sabia qual era a situação que o país vivia, nós estávamos com nove meses de salários em atraso, havia uma tensão social bastante grande, e assumir esta responsabilidade, sem nunca ter tido experiências em termos políticos anteriormente, era um desafio bastante, e eu estava com muito medo de não ser capaz de poder responder as expectativas que as pessoas tinham de mim, então, não foi fácil.

NC: What was it like assuming the Office of the Presidency, how did he feel to be in such a powerful and influential position?

HR: Como eu disse no princípio, não foi fácil para mim porque eu não estava habituado a lidar com as pessoas, não estava habituado a lidar com a comunidade internacional, não estava habituado a lidar com os problemas de todo conjunto de uma nação, então, não foi fácil para mim. Mas, à medida que o tempo foi passando, os desafios foram bastante grandes, e eu gosto de desafios, sempre vivi com desafios, eu fui me dedicando, fui conhecendo as pessoas. E, então, eu defini uma coisa que foi muito importante para mim, dizer que eu, pelo fato de ser Presidente, vou ter consciência de que eu sou Presidente da República, mas que eu Henrique não sou um homem diferente; vou continuar sempre a ser a mesma pessoa, com os mesmos princípios, os mesmos valores e não me deixar desviar daquele caminho que eu sempre achei que era o padrão da minha vida, e que eu transmiti aos meus filhos e às pessoas que estão sempre comigo eu sempre transmiti. Então, eu pautei a minha vida durante a Presidência por estes princípios. Não foi fácil, não foi fácil porque o poder tem muitos interesses e muitas vezes os interesses que se colocam a um líder político, que está no poder, são completamente diferentes de muitos valores, de muitos interesses que nós defendemos. Então, é preciso equilíbrio bastante grande para nós podermos trabalhar com a consciência tranquila, e estarmos sempre em coerência conosco e sabermos que estamos a fazer bem. É bem certo que eu sei que uma nação e o mundo não são feitos só de pessoas boas, o mundo é feito de pessoas boas, é feito, enfim, de pessoas menos boas e é feito de pessoas más. E quando se está em um cargo público, nós temos que lidar com esse conjunto de pessoas e nós não podemos, muitas vezes, dizer às pessoas que não são muito boas: “Olha, tu não és bom...”, temos que lidar com elas. Temos que lidar porque fazem parte da sociedade, fazem parte do conjunto, e é este equilíbrio, de lidar com essas situações é que torna às vezes difícil, porque muitas vezes nós temos que tomar decisões e termos atitudes que, muitas vezes, não são muito bem aquilo que nós achamos que é certo, mas temos que assumir, porque há outros interesses que levam à que a gente se (?). Então, esses foram os momentos difíceis que eu tive que lidar, mas, por outro lado, eu sinto que eu fiquei muito mais rico, eu ganhei muito porque lidei com muita gente, aprendi a conhecer muita gente, internamente, os problemas internos, e fiquei a conhecer também a comunidade internacional, a forma como que a comunidade internacional lida com os países, como é esta relação. Então, isto tudo constitui uma riqueza muito grande para mim.

NC: What did he enjoy about being President of Guinea-Bissau and what did he not enjoy?

HR: Foi o que eu disse atrás, gostei muito da minha participação, da contribuição que eu

dei para ajudar ao meu país a sair de uma situação difícil. Gostei muito do desafio, porque eu sempre pensava que a Guiné-Bissau é um país que é possível ser bem governado, eu gostei porque eu tive, eu vi, que é possível fazer uma Guiné-Bissau diferente. Fiquei também muito impressionado, embora conhecesse o povo da Guiné-Bissau, não o conhecia tanto, mas fiquei a conhecer que nós temos um povo maravilhoso, é um povo com coração bastante grande, um povo muito dócil e é um povo que nós podemos trabalhar com ele, pois não é um povo rancoroso, não é mau, nós temos o exemplo do conflito político-militar de 98 e 99... Normalmente, aquilo que a gente vê na televisão, o que se passa nos outros países: há matanças, há vinganças. Aqui na Guiné-Bissau não houve isto. Portanto, houve uma generosidade, quer dizer, o nosso povo é muito generoso. Eu vi esta, eu vivi estes momentos que foram muito exaltantes. E delirar com o povo, conhecer melhor o povo que nós somos e, ao mesmo tempo, ver as grandes potencialidades que Guiné-Bissau tem para poder realmente ser um país viável. E... coisas negativas que eu vivi: a grande tensão social que se vivia e os problemas com os militares, não é? Os problemas todos que os militares, enfim, criaram que deu, inclusive, o caso da morte do Chefe do Estado Maior, o General das Forças Armadas em Outubro de 2004. Foram momentos difíceis, foram momentos bastante difíceis. Também vivi um outro momento difícil que foi nas eleições de 2004, nas eleições legislativas, é... em que o partido PRS, não aceitou, não aceitou as eleições. Eu tive que fazer intervenções bastantes profundas, eu tive que falar com o PRS durante uma semana, eu estive a falar. E quando eu autorizei que os resultados fossem divulgados, começou a surgir, aí, mensagens em como ia haver um conflito outra vez dentro da Guiné-Bissau. Eu tive que ir as paragens dos autocarros para dizer à população: “Vocês voltem porque não vai haver guerra!” Quer dizer, foram momentos muito difíceis, mas também foram momentos em que, enfim, nós temos que ser postos à prova, para mostrar toda a nossa capacidade de diálogo, a nossa capacidade de persuasão e a coragem para enfrentarmos a situações difíceis, não é? Porque um líder é mesmo isso, e um chefe no poder tem que ter esta coragem para poder, ter o sangue frio para poder, enfim, acalmar as pessoas. Então, foram esses os momentos difíceis. De um lado, um grande contentamento por eu sentir que estava a fazer um bom trabalho, a adesão que eu tive da população, o conhecer a população bem, e os grandes trabalhos possíveis aqui na Guiné-Bissau e, por outro lado, as grandes dificuldades, de um lado militar, do outro lado político, que eu tive nos momentos de fricção, momento, enfim, de uma revolta dos militares em 2004, Outubro, e a outra com as eleições legislativas, e como também com as eleições presidenciais entre o Presidente Nino e o atual Presidente Malan Bacai Sanhá, que não aceitou também os resultados. Também tive que ter negociações bastante profundas com as duas partes para ver se chegávamos a um (?) .

NC: Was he worried about a coup d’État while he was President? And if so, what did he do to protect himself from a “golpe de Estado”?

HR: Nada, nada, nada. Não fiz nada porque não tinha medo de nada, eu nunca fiz mal a ninguém. E eu, como sou muito crente, eu sou muito convicto que todos nós temos o nosso dia de morrer. E, então, eu, portanto eu confio e entrego-me sempre a Deus. Portanto, se chegar o meu dia de morrer, bom, vou morrer e amanhã vamos saber que terá sido uma morte injusta. Mas, eu não tomei nenhuma disposições especiais, até porque

será sempre um bocado aleatório nós tomarmos decisões de proteção. Que proteção que eu posso tomar? Trazer um... Por um batalhão a minha volta? Qual é a segurança que esse batalhão me dá? Então, eu prefiro, preferi sempre ter Deus como meu protetor, e sempre a pedir que ele me iluminasse o caminho.

NC: When he came into office, the country was in political disarray. By the time he left, the government was functioning and the human rights were more respected than ever before. Since he was so successful in office, was there any thought of him continuing as President, even himself running as a candidate in the 2005 presidential elections? And if people were talking about this, why didn't he do it?

HR: Sim, quando eu deixei, quando estava a chegar ao fim do meu mandato, quando se começou a pensar que íamos ter novas eleições, estávamos a preparar, a organizar as eleições presidenciais, houve muita gente que me entusiasmou para que eu me candidatasse. Houve gentes nacionais e houve também estrangeiros, que diziam: “Não, tu fizeste um bom trabalho, tens que continuar, o país precisa...”. Eu, de fato, com tanta pressão que eu tive, chegou a um ponto que eu estava confuso, eu estava confuso porque inicialmente não era isso, eu nunca pensei em ser Presidente da República. E, depois, eu não, também não queria continuar porque eu fui chamado para fazer um trabalho. Então, eu fiquei muito nesta indecisão, mas eu volto a dizer que eu sou um crente, acredito muito em Deus, tenho muita fé. E das minhas orações, de todos os dias que eu faço, eu pedia sempre a Deus que me iluminasse, que me ajudasse a encontrar o caminho certo. E houve um dia em que eu tive esta revelação, que saiu da minha cabeça, eu disse assim: “não, eu fui chamado para resolver um problema e não para ser um outro problema!” Então eu, nesse dia de manhã, eu tomei a decisão. E aquelas pessoas todas que me falavam para eu me candidatar, eu dizia: “Não, olha, eu já não me candidato.” Elas ficaram muito tristes e ficaram com muita pena, mas eu decidi definitivamente, porque... e o princípio foi este, foi aquilo que Deus me revelou, foi assim: “Tu foste chamado para resolver um problema, não foste chamado para criar um outro problema.” Porque se eu me candidatasse ia haver muitos problemas, ia haver problemas com os políticos, inclusive iria haver eventualmente problemas com os militares, problemas na sociedade civil. Havia gente que estava de acordo, havia gente que não estava de acordo. Portanto, quer dizer, eu que fui chamado para ajudar a resolver um problema, eu ia criar um outro problema, então disse: “não, eu não vou criar nenhum problema.” Então foi assim, graças a essa iluminação que eu tive, eu consegui não me candidatar.

NC: If he had (he didn't do it!) but if he had declared himself a candidate in 2005 and he had won, and he went on to another term as a President, does he think this would have increased the likelihood of a military coup during his next five years in power?

HR: É difícil responder. É difícil responder porque nós vivemos em uma sociedade que, infelizmente, é uma sociedade violenta. Mas, isto é uma contradição: se nós temos um povo que é muito generoso, um povo muito bom, um povo tranquilo, mas, por outro lado, nós temos manifestações de violência. E estas manifestações de violência vêm da parte dos militares e vem também da parte dos políticos, porque são os políticos que entusiasmam os militares, que utilizam os militares para chegar ao poder. Bom, não se

pode dizer claramente que não vai haver um golpe de Estado. Por quê? Porque nós herdamos, nós ganhamos a nossa independência com a luta de libertação nacional. Foi uma luta de libertação, uma luta bastante violenta, e toda aquela geração que durante onze anos esteve na luta foi essa geração que veio, e são eles que continuam a nível das chefias militares. Então quer dizer que uma geração que tem um ponto de partida de violência, porque viveram onze anos de guerra para chegar a independência. E, depois, como são eles é que têm as armas nas mãos, pensam que tudo só pode ser resolvido através das armas. Porque, entretanto, desde a nossa independência até aqui, os nossos governantes não se preocuparam em dar uma formação adequada a esta gente. Quer dizer que nós, desde a nossa independência, e Cabral já dizia, Cabral dizia: “Nós vamos tomar a independência, mas vamos chegar até Nhacra e aí vamos entregar o poder as outras pessoas.” Quer dizer, Cabral já tinha uma visão bastante grande dos problemas. Cabral reconhecia que era necessário fazer essa separação, entre aqueles que fizeram a luta armada e aqueles que estavam, e que não fizeram a luta, que tinham mais possibilidades, mais condições de poderem gerir o país depois da independência. E então, o que aconteceu foi que os nossos governantes não se preocuparam com dar formação, de construir um exército republicano e fazer a substituição de forma que nós pudéssemos ter hoje, ao fim de 36 anos de independência, pudéssemos ter já quadros com a formação superior, média e técnica, com um outro tipo de mentalidade para poder realmente gerir as nossas forças armadas. Então, nós estamos com esses problemas que são graves e temos também os políticos que infelizmente, enfim, como se habituaram a só estar no poder, porque só no poder é que conseguem ganhar e fazer a sua vida, portanto, temos políticos que estão sempre juntos dos militares a pedir e a empurrar para eles entrarem a caminhos não corretos. Então, quer dizer, que é sempre um bocado difícil dizer claramente, com certeza, de que não ia haver um golpe de Estado, ou uma outra coisa qualquer. Agora, há uma coisa que eu digo sempre, eu iniciei com o meu mandato uma forma diferente de estar no poder, uma forma de estar perto das pessoas e não me colocar como um Deus na Terra, ter sempre uma relação muito próxima com as pessoas, uma relação de diálogo e estar muito atento aos problemas reais que o país tem, e procurar sempre ultrapassar esses problemas. Eu tenho muitos exemplos, mas o tempo é curto, não dará tempo de contar todos esses exemplos. Portanto, é difícil dizer que não ia haver, mas também penso que talvez nós pudéssemos, com a continuação do diálogo, com a continuação deste “tipo de estar” talvez atenuasse bastante essa possibilidade, o que não quer dizer que não pudesse haver.

NC: Was he surprised with what happened during his term, when he was organising elections and then former President Nino Vieira came back to the country in a helicopter, landed in a stadium, declared himself a candidate, and then people voted to return Nino to power? Was he surprised to see Nino was in charge?

HR: Sim, me surpreendeu um bocadinho, surpreendeu-me um bocado, porque daquilo que eu via, daquilo que eu ouvia, me parecia que o Presidente Nino não teria grandes condições de poder ser reeleito. A vinda dele não me surpreendeu. Eu dei uma entrevista, pouco antes de ele vir, onde eu dizia que o Presidente Nino pode vir a Guiné-Bissau, ele tem direito de voltar a sua terra, ninguém o pode proibir. Agora, ele chegando a Guiné-Bissau, ele tinha que responder perante a justiça pelas coisas que diziam contra ele,

portanto, era o único problema, mas não pensava que ele fosse se candidatar. Eu vou fazer uma revelação aqui, que hoje é importante eu poder falar nisso: por duas vezes eu fui a Guiné-Conakry convidado pelo Presidente, o falecido Lansana Conté, e das duas vezes que eu estive lá, eu, uma vez, estive lá sozinho a visitar a Guiné-Conakry, um dos temas grandes das conversas que eu tive com o Presidente foi ele a pedir-me se eu autorizava ao Presidente Nino a regressar para a Guiné-Bissau, e que ele me garantia que o Presidente Nino não se meteria na política. Eu disse: “Presidente, nem eu, nem ninguém, pode proibir o Presidente Nino de voltar a sua terra, Guiné-Bissau é terra do Presidente Nino, ele tem todo o direito, como eu tenho, como qualquer um outro cidadão tem de voltar. Embora, dentro do meu fraco entender, aquilo que eu acho e o conselho que eu dou, eu acho que não é oportuno o Presidente Nino ainda voltar à Guiné-Bissau, porque há muitos problemas que estão por resolver. Se o Presidente Nino voltar para a Guiné-Bissau, não vai ser bom para o Presidente Nino, não vai ser bom para Guiné-Bissau. E ele disse: “Não, eu vou te jurar. Ele vai só para estar lá, porque é a terra dele, ele quer.” E eu disse: “Não tem problema nenhum, ele para mim não tem problema nenhum, mas é bom pensar também naquilo que eu disse ao Presidente.” Depois, o Presidente Lansana Conté foi reeleito Presidente da República e tornou a convidar-me para ir assistir a tomada de posse, a sua reenvestidura, e eu estive lá, estive com o Presidente Nino. Ele convidou-me, deu um banquete onde eu participei, eu mais a minha esposa, estava o Presidente Nino e a esposa, e conversamos naturalmente, porque eu não tinha nada contra o Presidente Nino é um homem que foi nosso Presidente, que foi um herói da luta de nossa libertação nacional. Portanto, nós conversamos como pessoas civilizadas e, depois, tive uma conversa outra vez privada com o Presidente Lansana Conté, onde ele voltou a fazer outra vez o mesmo pedido, e eu voltei a dar a mesma resposta, e as coisas ficaram assim. Portanto, em relação ao Presidente Nino, eu não tinha nada contra ele, nem podia ter, estava de acordo com ele vir, mas ele teria que se sujeitar a justiça. Mas, por outro lado, também eu sabia que havia muito contencioso que o Presidente Nino deixou. Agora, como é que esse contencioso iria ser resolvido, isso é que era minha interrogação e o meu medo e, infelizmente, aquilo que eu disse ao Presidente Lansana Conté veio a acontecer. Eu disse ao Lansana Conté: “ eu não tenho nada contra, mas eu vejo que não é bom nem para o Presidente Nino nem para a Guiné-Bissau. E, de fato, a vinda do Presidente Nino não foi bom para Guiné e não foi bom para ele mesmo que acabou por morrer.

NC: What does he say about the people of Guinea-Bissau, the population, how they think about term limits; democracy and term limits? Because the first thing they did was re-elect somebody who already had 18 years in power. What does it say about whether the population believes in term limits or not?

HR: Há aqui muito fatores, nós temos muitos, como dizem os americanos, imputs. Há muitas coisas, primeiro, eu penso que a população (porque o Presidente Nino não veio sozinho, veio também com a ajuda da comunidade internacional) e a comunidade internacional pensavam que se o Nino viesse, a Guiné-Bissau ia ficar outra vez tranquila, ter paz, porque no tempo dele, viveu-se um tempo de calma, de paz. Então, a população estava com saudades desta calma, desta paz. Eu penso que foi um bocado isto, porque depois do conflito de 98 e 99, nós vivíamos sempre com problemas, portanto,

passávamos esses anos todos com problemas. E então a população pensava que com a presença do Nino aqui as coisas iam se estabilizar. Erro, comunidade internacional também apostou e outro erro. De um lado foi isso, a vontade de ter paz e estabilidade, mas por outro lado a população votou. Nós temos que ver as pessoas que estavam em jogo estava o Presidente Kumba, candidato, estava o Presidente Malam, candidato, estava o Presidente Nino, candidato, e haviam outros candidatos, mas esses não contavam. Bom, ninguém queria o Presidente Kumba, só votava nele, aquela gente da etnia dele, depois ficavam os dois, o Presidente Malam e o Presidente Nino. Aí, muitos outros fatores jogaram, jogou o fator étnico, jogou o fator religioso e, depois também, o fator daquilo que eu disse da estabilidade e da paz. Jogaram estes três fatores aqui: o étnico, o religioso e o de estabilidade. Como o Nino era militar, pensavam que ele pudesse, enfim, com seus camaradas, fazer pazes e começar a...portanto, para mim, foram esses três fatores. Há outros, mas estes três foram importantes e decisivos.

NC: The fact that they voted for Nino, what does he say about the type of leader that people in Guinea- Bissau respect and admire? Because Nino had been accused of doing many bad things in office, corruption and also violating human rights. Given that, why is it that the people seem to admire, respect him enough, to bring him back?

HR: Há aqui muitos fatores que se juntam. Primeiro de tudo, o Nino era um homem muito conhecido, todo guineense conhecia o Nino, conhecia o Nino antes do Nino ser Presidente, porque o Nino foi um combatente lendário. Foi um combatente de primeira hora, desde que começou a luta armada até o fim. Então, ele foi um cabo de guerra bastante reconhecido, respeitado e temido. Portanto, naquele imaginário, no imaginário do povo que viveu aqueles tempos, aquele período da luta de libertação. Então, as pessoas ouviam falar do Nino, o Nino era um homem que não morria, o Nino tinha poderes sobrenaturais porque resistia a tudo. Portanto, o nome do Nino não é construído só com a Presidência, já vem desde o princípio da luta. E, então, o Nino trouxe este prestígio todo até a altura do golpe de Estado em 1980. Mesmo eu e todos os guineenses da minha geração nós todos admirávamos o Nino, por causa daquilo que ele fez na guerra. Quando se dá a independência, nós vivemos uma crise bastante grande aqui. Por quê? Porque era o PAIGC (Partido Africano para Independência da Guiné e Cabo Verde). Bom, dá-se a independência da Guiné e de Cabo Verde, mas o partido é único, é um partido a mandar nos dois países. Só que, a forma de governação que se passava na Guiné-Bissau não era igual àquilo que se passava em Cabo Verde. Por exemplo, na Guiné- Bissau havia pena de morte, em Cabo Verde não havia. Aqui, houve perseguição dos funcionários públicos, porque se dizia que eles tinham sido colaboradores dos colonialistas, em Cabo Verde não houve. Quer dizer, houve essas diferenças que se acumularam, criaram um mal estar na sociedade guineense e fez com que houvesse o 14 de Novembro. Dá-se o 14 de Novembro e quem está a frente do 14 de Novembro é o Nino, outra vez. Trazia o prestígio da luta. Está o mal estar aqui no país e o Nino aparece, outra vez. Então, estas coisas todas juntas fazem com que de fato o Nino ganhe um prestígio e uma admiração muito grande do povo da Guiné-Bissau. Quer dizer, o Nino apareceu no 14 de Novembro como um libertador. Portanto, os fuzilamentos, enfim, a perseguição dos quadros, dessas pessoas, iam acabar. Portanto, o Nino apresentou-se como alguém que ia acabar com isso tudo. Portanto, houve muita atenção. E desde esse

tempo todo, aumentou muito o prestígio do Nino e a admiração do Nino. Então, no subconsciente do povo ficou o Nino, portanto, o Nino era conhecido. E...pronto, quer dizer, depois teve aquele período da sua revelação, houve aqueles erros, aqueles fuzilamentos que houve, mas, mais ou menos, a situação estava controlada, havia uma calma, até ao 7 de Junho. Portanto, o acumulado que o Nino trazia, desde o tempo da luta, começou em 1961, até agora, é difícil apagar da memória do povo. E, por outro lado, a grande maioria do povo, no interior, não sentia muito e não sente muito as coisas que se passam a nível da cidade de Bissau, da capital, onde se passa os problemas políticos. O povo está muito anestesiado, o povo não dá muita atenção, o povo não está muito esclarecido. E, então, ficou no imaginário desta gente toda o Nino. Então, isto ajudou. Isto ajudou, mas foram umas eleições muito cerradas, porque ele foi a segunda volta com Malam Bacai Sanhá e os números não eram muito distantes. Por isso mesmo é que houve aquele problema todo, com o Presidente Malam não aceitando os resultados. Mas, eu penso que o fato do imaginário do povo é que ficou, é que marcou, não é? E fez com que o Presidente Nino ganhasse.

NC: He left office peacefully and on schedule . How did he feel to leave the Presidency? What were his thoughts, personal thoughts, on the day he left the Presidency?

HR: O meu pensamento: por um lado, eu saí satisfeito porque eu sentia que eu tinha trabalhado, que tinha dado aquilo que eu tinha para dar. Portanto, eu saí satisfeito. Mas, por outro lado eu saí também triste, porque sabia que iria deixar muita coisa por fazer, sabia que nós íamos ter outra vez problemas, nós íamos ter problemas. Senti isto naqueles dias últimos que estava na Presidência e via o comportamento das pessoas, e da experiência que eu tinha eu sabia que nós íamos ter outra vez problemas, que o país não ia andar da forma como podia andar. Então, eu fiquei com esses dois sentimentos: primeiro, uma satisfação. Porque senti, sentia pela manifestação das pessoas que eu tinha feito o melhor daquilo que eu sabia e podia. Mas, por outro, também sentia uma tristeza porque sabia que nós íamos ter problemas e, infelizmente, viemos a ter problemas.

NC: A lot of people in the international community and also here in Guinea-Bissau admired what he was able to do as President and the peaceful manner in which he was able to organize elections and step down in power. How important is this admiration to him, that a lot of people admired his work as a President?

HR: Eu digo que tudo isto é bondade das pessoas, as pessoas são generosas em relação a mim. Eu não encontro uma justificação para as pessoas terem uma grande admiração por mim, senão o fato de eu ter tomado o país em uma situação muito difícil e, mais ou menos, ter conseguido estabilizar o país. Mas, isso penso que não é assim nada de especial, maior desafio era de fato pegar o país e conseguir fazê-lo desenvolver-se. Bom, as pessoas falam de mim talvez por me ver como uma pessoa tranquila, uma pessoa calma, quer dizer, uma pessoa que não está atirada pelo poder. Porque, quando se chega a um cargo de Presidente foi porque a pessoa lutou para chegar lá, através da política, de outros meios. A pessoa chega lá, depois de muito trabalho, e diz assim: “Bom, conquistei. Agora, eu tenho que exercer o poder”. Então, essa pessoa coloca-se acima de todas as coisas. Pensa que pelo fato de ter sido escolhido que ela é a mais inteligente, a mais sábia,

a pessoa que sabe tudo, que pode tudo. A minha postura, pela minha educação, de todas as vertentes, a minha educação de casa (familiar), acadêmica e a religiosa me fizeram sempre mostrar que eu sou uma pessoa comum, igual a todos, apesar de termos nossas diferenças, não é? Cada qual Deus deu- lhe o seu dom, mas no fundo somos todos iguais. Então, penso que o meu grande sucesso tenha sido eu respeitar as pessoas e tomar as pessoas como seres humanos iguais a mim, e tratar com elas sem complexos e muito a vontade, como estamos a falar aqui. Então, eu penso que isto ajudou a mim, a exercer bem o meu mandato e também admirou as pessoas que vinham a procura, quando pediam uma audiência para encontrar o Presidente: pensavam que iriam encontrar alguém distante, um Presidente da República que está sentado lá em cima e os outros sentados embaixo. Não, encontraram um ser acessível, normal, com as suas fraquezas, com suas virtudes e a tratar das coisas com seriedade, com honestidade, e com o melhor que sabia. E, então, foi isso... Eu vou contar uma estória que se passa com um americano: A América deixou de ter aqui sua representação diplomática, por causa dos problemas que houve. Foram todos para Dakar. Então, de vez em quando, mandavam cá um funcionário da Embaixada para fazer as visitas. Então, havia um senhor chamado Shiratori (sic), não me esqueço o nome dele, ele era segundo secretário da Embaixada. Ele vinha cá muitas vezes à Bissau para tomar contatos, para levar relatórios. E, um dia chegou a Presidência e pediu uma audiência com o Presidente. O meu staff tomou o nome e disseram a ele: “Amanhã você passa aqui outra vez que é para saber o resultado”. Quando depois eu estava com o meu diretor de gabinete e com o meu assessor diplomático eles disseram: “Está aqui este americano, este funcionário. É o segundo secretário, mas eu acho que você não deve recebê-lo, porque se você recebe este funcionário pequenino o Embaixador nunca mais vem visitar a Guiné-Bissau, passa só a mandar este funcionário. E, para mais, ele nem vem bem vestido, vem com jeans e com uma camisa. Eu disse: “Não, isso não tem problema. Vamos recebê-lo. Digam a ele vamos marcar para amanhã, marcamos uma hora”. E, recebi esse senhor e ficamos amigos. Bom, ele veio, eu o recebi. Na altura eu tinha um problema: tinha havido muita chuva, chuvas muito intensas, e havia uma ponte, ponte de Bambandinca, que caiu. Quando cai a ponte de Bambandinca, o sul fica cortado do resto do país. Então, depois de nós conversarmos, ele perguntou: “O que você quer que diga ao Senhor Embaixador, no que que a América pode ajudar?” Rosa: “Olha, eu por exemplo estou agora com um grave problema: tem uma ponte que caiu e que me separa. O meu continente está hoje cortado ao meio, o sul está cortado do leste e do norte. Se me pudessem ajudar...” Ele tomou nota e falou: “Eu vou ver se posso ajudar “. Bom, ele foi-se embora e eu continuei a fazer meus pedidos, e a União Europeia ficou de fazer a ponte. Um mês depois, o Shiratori volta outra vez à Guiné-Bissau e diz: “A América vai construir a ponte”. E eu disse: Oh, pena! Porque a União Europeia já se decidiu e eles vão construir a ponte. Mas, eu tenho muitas pontes como esta que se não trabalharmos elas vão cair.” Shiratori: “Ah, sim? Bom, eu não posso tomar nenhuma decisão. Eu vou levar este seu pedido outra vez para o Embaixador e vamos ter depois a resposta”. E a resposta veio. Então, depois veio cá uma missão militar e mais um engenheiro. Foram ver as pontes que vão de São Domingos para Suzana, e eles construíram duas pontes. Então, isto é para mostrar, é uma forma de estar. Quer dizer, normalmente, se eu ficasse só com meu staff e dentro daqueles padrões que é habitual, eu não iria receber esta pessoa. Mas, quando eles me disseram, para mim não é a roupa que importa, mas aquilo que a pessoa, a mensagem que a pessoa traz e o que eu posso fazer

com essa pessoa. E ficamos amigos, o Shiratori parece que agora está em Timor. Ficamos amigos e a Guiné-Bissau ganhou duas pontes.

NC: He was a successful business man before becoming President and since he's left office he's returned to be a successful business man here in Bissau. The fact that he is a successful business man, that there is another job he can do, how does this change his perspective on power?

HR: Sim, há uma mudança. Primeiro, o fato de eu ser empresário, e ser alguém sempre em contato com a sociedade civil ajudou muito na Presidência. Porque eu cheguei lá e tinha uma perspectiva diferente das coisas e isto acho que foi uma vantagem para mim, porque normalmente quando se chega à Presidência, os políticos, faltam-lhes muita sensibilidade para os domínios da área econômica e área social. Então, isso para mim foi uma facilidade bastante grande, ajudou muito, ajudou bastante porque rapidamente eu compreendi os problemas e conhecia o sofrimento da parte de baixo do povo, quais eram os estrangulamentos, as dificuldades que tinham. Depois de eu ter saído da Presidência, tenho uma perspectiva diferente. O fato de exercer a minha profissão, dá uma perspectiva diferente, uma perspectiva muito mais ampla. Porque se eu antes tinha só a minha perspectiva muito pequena eu, depois de ter saído da Presidência, tenho uma perspectiva mais global das coisas. E a única pena que eu sinto é de fato a Guiné-Bissau ainda ter poucos instrumentos para serem utilizados. Eu digo, por exemplo, nos não temos aqui bancos de investimentos, só temos bancos comerciais, não temos bancos de fomento. E, depois, não temos uma classe empresarial bastante dinâmica para podermos beneficiar de tudo quanto nós temos pelo fato de fazermos parte da União, e como nossos empresários não estão ainda preparados muita coisa se perde, e quem está a ganhar são os empresários, digamos, estrangeiros, do Senegal, das outras partes, da Costa do Marfim, que vem aqui e utilizam todos os benefícios do fato de pertencermos a União, mas isso porque têm instrumentos por trás: tem bancos, as instituições financeiras que os ajudam, os apoiam para virem investir aqui. Então, são essas duas facetas. Primeiro, eu beneficiei muito, e o país também beneficiou pelo fato de eu ter essa minha visão empresarial na Presidência e, agora, eu como empresário, por ter voltado, fico com pena de não poder fazer muito mais porque realmente estamos limitados aqui no país, por enquanto.

NC: The fact that he is a business man, does that make him more likely to leave the Presidency, to step down, than someone who has been a politician his whole life?

HR: O problema é este: não foi o fato de eu ser empresário é que me facilitou a sair, eu saí por um imperativo de consciência. E eu, na minha consciência, em coerência com a minha pessoa, eu deixei a Presidência. Se eu fosse ou não empresário, eu ia deixar a Presidência. Mas, também reconheço que dos muitos dramas que nós temos aqui neste país, eu penso também que em África, e não só África, nas outras partes do mundo também acontece a mesma coisa, é o fato de os políticos, agora falo só da Guiné, não terem outra ocupação. Quer dizer que, quando eles se metem na política, quando chegam ao poder, depois não querem deixar o poder, porque se deixam o poder não têm mais o que fazer, porque não sabem fazer mais nada. Nós vemos que temos muitos políticos que são engenheiros, doutores...mas metem-se na política. Quando eles saem da política, não

conseguem fazer mais nada porque não sabem, nunca trabalharam. Então, ficam agarrados, o poder é um recurso, é um local para as pessoas sobreviverem. Por isso que há este apego, que há essas guerras sempre para as pessoas ficarem agarradas ao poder.

NC: A lot of leaders attempt to stay in power, but a few leaders step down voluntarily like himself. What explains these two types of personalities, one that wants to stay in power forever and the one that is willing to leave office peacefully? Is there any quality, biographical or personal quality, that makes the difference?

HR: É um bocado difícil falar dos outros, mas eu posso pensar que o poder é qualquer coisa que põe as pessoas a ficarem como se estivessem bêbadas, inebriadas, porque com o poder as pessoas têm muita gente a volta, têm muitas benesses. Então, há muita gente que não quer perder isso, quer continuar sempre a ser considerado o melhor, o maior, penso que pode ser um bocado disso também. Também, há uma questão que é importante que é a questão da educação da pessoa. Não é uma educação acadêmica, mas é mais uma educação cívica, uma educação moral que a pessoa tem. Eu penso que também é muito importante esse aspecto. O outro aspecto que também penso é que as pessoas quando estão no seu mandato, por causa dos muitos problemas que surgem, talvez tomem muitos compromissos que não são compromissos legais, não são compromissos corretos. E, então, depois têm medo de deixar para que, quem vem a seguir, não venha a descobrir e não venha a pedir contas. Para mim, há esses três fatores que contam: primeiro a vaidade, por outro lado a educação e, por outro lado, os compromissos que as pessoas eventualmente podem tomar para resolver problemas, e não tomam bons compromissos. Depois, elas têm medo de deixar para que não lhes aconteça qualquer coisa de mal.

NC: Can he please explain to what degree the traditional African political system of kingship still affects the minds of the people today, and how is that changing with time?

HR: Nós temos assistido em África, que cada vez mais aparecem casos em que os Presidentes alteram as constituições e querem ficar no poder. Há outros Presidentes que ficaram vitaliciamente no poder. Isso, eu penso que choque os países democraticamente mais evoluídos, para nós africanos talvez não nos choque tanto, quer dizer, para nós africanos também choca. Eu divido, faço bem a separação da nossa população, nós temos um núcleo que é reduzido de intelectuais, de gente com uma formação, capaz de entender, capaz de agir, e temos uma outra população, uma outra classe que não tem esta preparação a nível de entendimento do que é democracia, é a população que está mais ligada, que vive mais junto de suas aldeias, mais da forma antiga. Então eu penso que em África há um contraste: de um lado há uma renúncia daquela população mais esclarecida, que conhece a democracia e tem mais preparação para entender, e a outra população que não tem, esta não se importa. E não se importa por quê? Porque nós até muito recentemente, eu falo da Guiné-Bissau, até muito recentemente, até a altura colonial, nós tínhamos o poder tradicional que estava assentado sobre um sistema monárquico, que são chamados os régulos. Os régulos e chefes de tabancas (aldeias), portanto, são autoridades tradicionais com mandato vitalício e com uma herança, toda sua forma da herança ser feita, era o sistema monárquico. Portanto, são os irmãos ou são os filhos que dão continuidade a reinança (reinado) do pai, ou do avô. Então, para esta gente não é muito

chocante o fato do Presidente ficar vitaliciamente, porque é algo que ainda está na sua memória. Mas, em relação à população já mais esclarecida, mais cidadina, esta já reage mal porque compreenderam que o mecanismo não é este: estamos a viver em uma democracia, estamos a viver em uma República, portanto, não há que fazer confusões. Portanto, há aqui estes dois dados que é preciso (e ele como está a trabalhar nesta estória) estudar este fenômeno. Se de um lado não há reação, as pessoas até aceitam, do outro lado há uma reação e as pessoas não aceitam. De um lado, aceitam porque ainda está no subconsciente das pessoas o sistema antigo herdado dos tempos antigos, que é o sistema monárquico, digamos. E, do outro lado, temos nas cidades um núcleo de gente, com outra preparação, com outra visão, com contatos com outros povos, gente que estudou no estrangeiro, que viu como é que as sociedades são organizadas e que não aceita, então é isto. E como em democracia (este é outro problema que a democracia tem, de quem vive em África) é a quantidade que conta e não a qualidade, quando nós vamos para as eleições nós vemos os votos, ou quando se fazem os referendos, os votos são mais da parte de não qualidade do que na parte de qualidade. Quer dizer, a democracia tem em África, tem este contraste. Então, para se ultrapassar tudo isto, não há nada como a educação. Temos que educar os nossos povos, de geração em geração, até que de fato as pessoas comecem a entender bem o que é a democracia e, de fato, começar a fazer opções em termos de valores, e não em termos de sentimentos.

NC: Recently in Africa we've seen more leaders stepping down from power than we saw before. Before was very rare, now we see it more. But in Political Science they are very pessimistic, they say the leaders today they're only stepping down now because they've been forced out. I want to know if it's true that they're only stepping down now because they've been forced out, or actually there are leaders in Africa changing their perspective on power? Do they want to stay in power less than before?

HR: Eu penso que são as duas coisas, porque, eu estou a falar por mim, é uma ideia minha pessoal, são as duas coisas. Há uma pressão muito grande da comunidade internacional. A comunidade internacional traz os seus pontos de vista, podem ser bons ou podem não ser, mas isto não é o que está em causa. Mas, a comunidade internacional tem mecanismos que pressionam, que obrigam e, então, hoje em dia alguém que queira ficar no poder, por força, pensa duas vezes. Porque, como nós somos países dependentes, temos muito da solidariedade da comunidade internacional, a pessoa tem que pensar duas vezes: o que vou preferir? Ficar e não ter nada, porque a comunidade internacional não vai dar, ou deixar e ficar com o meu prestígio. Bom, eu penso que essa pressão é salutar e tem ajudado a que muitos tomem a iniciativa de sair, porque vêem que hoje já não há muita margem de manobra. Mas, por outro lado... e eu fico satisfeito porque já estão a aparecer muitos líderes africanos, Presidentes neste caso que por própria iniciativa saem, eles deixam. E nós temos muitos exemplos como é o caso do Abdou Diouf aqui em Dakar, Senghor saiu, saiu Abdou Diouf, temos o caso do Mali, o Alpha Konare, que é um belíssimo exemplo, temos o Presidente Kerekou do Benin, que deixou. Enfim, vamos tendo, mais para o sul, eu não conheço assim tanto, mas lá temos o Presidente Chissano, Joaquim Chissano que deixou também. Temos na África do Sul, o Mandela, depois tem Mbeki, que também deixou. Quer dizer, vamos tendo líderes assim, que nós vemos que é gente que tem uma estatura, a formação que os faz compreender como deve ser. Porque

muitas vezes eu digo as pessoas se nós queremos, se queremos ficar no poder, então vamos fazer um referendo, vamos saber se as pessoas querem transformar em uma monarquia, porque não tem mal nenhum, nós temos tantas monarquias na Europa, então, por quê não também ter em África uma monarquia? É uma questão de opção. Quer dizer, fica muito melhor eu dizer assim: “Vamos ter uma monarquia na Guiné-Bissau. Eu, Henrique Rosa, elejo-me rei da Guiné-Bissau”. E, pronto, já sei, há o primeiro-ministro que vai rodando, e eu fico eternamente, ficarão os meus filhos, os meus netos e, sei lá! Mas, quando se opta pela república tem que conhecer as regras do jogo e as opções são só uma.

NC: How much do African leaders care about how will be viewed in history, long after they're dead and gone, or are African leaders are just concerned in immediate things?

HR: O que eu penso é que, inicialmente, as pessoas não pensavam em deixar uma estória, porque a estória se fazia naturalmente. Nós estamos a ver que nós estamos a viver uma segunda geração de líderes, porque praticamente todos os líderes que vieram da África foram líderes que estiveram muito ligados às independências, estamos a viver agora em uma segunda, para entrar em uma terceira geração. Portanto, as pessoas naturalmente se sentiam confortadas pelo fato de serem lembradas por terem participado na luta política para as independências, porque depois disso o que se devia deixar ficar era um trabalho para que ficassem lembrados. Eu estava a falar dos Presidentes e esqueci-me de um Presidente que tenho muita estima e admiração que é o John Rowlings, da Gana. Ele foi um Presidente que fez um trabalho muito interessante na Gana e conseguiu por ordem no Gana e, depois de algum tempo saiu. Mas, eu penso que as pessoas não pensavam muito. Agora, já se vai começando a pensar um pouco. Eu lembrei-me do Rowlings porque eu tenho um memorial ao N'Krumah bastante interessante, e temos Mandela que é referência um marco bastante grande, é o símbolo da moral, da bondade, da generosidade, tudo quanto o homem tem de grande nós encontramos no Mandela. Portanto, este é um homem que não só a África do Sul marcou, mas ele marcou todo o mundo. A lição que ele deu é válida para qualquer povo do mundo, portanto, é um legado grande, esse é um marco grande. Depois, a nosso nível vamos tendo coisas muito pequeninas ainda, infelizmente não temos nada assim muito especial para dizer: “este fez isto e é lembrado”. Porque, quando deixamos uma obra, quando deixamos um legado, nós estamos a lidar com seres humanos. Esse legado, aquilo que nós deixamos, não só é bom para o país, como deverá ser tomado como bom para exemplo do mundo. Quando se faz qualquer coisa de bom, quem pode e quem tem capacidade para isto, deve fazê-lo não só para seu país, mas que possa servir de exemplo para se dizer: “Ah! Em tal sítio, houve alguém que fez”. Então eu penso que, respondendo a pergunta concretamente, antes as pessoas se baseavam na estória, porque vamos dizer quem foi o Presidente que deu a independência ao Senegal, à Guiné-Bissau, à Guiné-Conakry. Portanto, esses marcos ficaram. A outra geração, muito pouco tem feito.

NC: He was a founding member of the African Forum in 2006, which brought together dozens of former Heads of State to discuss issues like leadership and the development of the African continent. Can he describe how this group was formed and how did the initial meeting go in 2006? Did they make any progress? Did they reach any consensus?

HR: O grupo começou com uma ideia bastante interessante. O fato de ter havido líderes africanos que exerceram durante algum tempo as suas atividades a nível do poder, era um desperdício essas pessoas ficarem completamente fora do cenário a nível do continente. Então, era interessante juntar essas pessoas, essas cabeças para, de uma forma ou de outra, ajudar os líderes que estão no poder a resolver problemas. Então, na essência foi isso que levou a que os líderes se juntassem. Nós tivemos a nossa primeira reunião em Moçambique e tivemos uma segunda na África do Sul. Depois disso, não nos temos encontrado, porque há o aspecto financeiro que é bastante importante, pois as reuniões são fora dos países de cada um de nós, para isto é preciso o Presidente, a pessoa, suportar as suas viagens, as estadias, bom, tem-se arranjado sempre para ajudar com estadias, mas as passagens são caras, e tudo isto tem criado problemas. Mas, é um fórum bastante interessante, que tem estado mais ativo no sul da África, nos lados de Moçambique, Zâmbia, África do Sul. Nós vemos o próprio Presidente Chissano tem estado envolvido nas discussões com Madagascar e, pontualmente, muitas outras situações têm sido... enfim, há uma tentativa de mediação dos amigos Presidentes da República. Mas, é um fórum interessante que poderia trazer maiores contribuições se não fosse o aspecto financeiro, mas há um constrangimento bastante grande. Por exemplo, houve um fórum que foi feito há dois anos e eu não fui porque eu próprio não podia, não estava em condições de poder disponibilizar (dinheiro) para viajar.

NC: At that meeting in the African Forum, there were some leaders that stayed in power very long time, like Kenneth Kaunda in Zambia, and some leaders that had only one or two terms and then stepped down. Since these leaders had different experiences with power—some were very long time and some were very short time—did they disagree about limiting power in Africa?

HR: Nós nunca conversamos sobre isso. Portanto, quem é admitido no fórum está a vontade e é porque tem condições de poder estar. Porque um dos princípios que norteiam o fórum é o de admissão dos líderes desse fórum. Quer dizer que, antes de um líder ser admitido, ele é submetido a todos os membros do fórum com perguntas sobre o critério, saber o que a pessoa acha, se ela tem condições morais para poder estar, para poder desempenhar... se se conhece alguma coisa que esteja contra a pessoa. Quer dizer, há um critério. Há muitos líderes, há alguns presidentes, que não estão no fórum porque não preencheram os critérios. Por isso é que há pessoas que podem ter estado muito tempo no poder, mas chegaram a uma determinada altura e deixaram o poder, porque entraram em um processo democrático e, portanto, não têm problema nenhum, nada consta de negativo em relação a eles. Agora, que nós entramos em um processo novo, em um processo democrático cada vez mais aprofundado, em que há regras estritas: se o mandato é de cinco anos, são dois mandatos; se mandato é de sete anos, são dois mandatos, fim desses mandatos não podes continuar. Se alguém continuar, quando sair não pode ser admitido no Fórum porque ele não cumpriu com aquelas regras estabelecidas. Mas, antes, quando o Kaunda estava, não havia esta pressão que há agora, do cumprimento dos mandatos.

NC: What was his major intellectual contribution to the meeting? What did he

contribute?

HR: Nós discutimos... O primeiro encontro foi mais uma discussão de problemas estatutários. O segundo foi já mais uma questão organizativa, criamos várias comissões, foi ver quem ficava em cada comissão, comissão para a paz, comissão para a parte financeira, para parte do desenvolvimento, para a agricultura... Comissões que têm por missão dar apoio a toda parte do mundo, para quem pedir. Eu estou em uma comissão onde está o Presidente da.. (esqueci-me do Presidente de Cabo Verde também, o Aristides Ferreira, temos o Mascarenhas. Bons Presidentes que também saíram tranquilamente.)... mas, eu faço parte da Comissão de Direitos Humanos e Paz. Contribuições, assim, intelectuais: pontualmente surgem problemas, ao tratarmos de um problema pontual, surgem problemas para se dar o ponto de vista, o que eu acho sobre este assunto. A discussão é aberta, cada um tem a palavra para dizer se está ou não de acordo com uma ou outra questão. Mas, nunca ainda tivemos a oportunidade de começar a trabalhar para assuntos muito concretos para chegarmos ao ponto de fazermos considerações sobre um assunto de forma concreta. Foram coisas dispersas, porque na primeira parte foi a discussão, a primeira reunião que foi em Maputo foi uma discussão estatutária, para estabelecer os critérios de como as pessoas são admitidas, como é que não são, quem pode ser, quem não pode ser. Foi uma questão estatutária, portanto, foi um ato da fundação, e a segunda reunião foi já a parte organizativa para vermos como é que vamos distribuir, ver em que local estamos em África, quem está no sul da África a comissão deve ser com aqueles que estão lá na África do Sul, quem está aqui no ocidente deve ser com aqueles que estão aqui na parte ocidental, quem está no centro com quem está na parte central, que é para vermos, dentro dos problemas que podem surgir, qual é a contribuição que nós podemos dar.

NC: Is he familiar with the Mo Ibrahim Foundation? If so, does he think that this Foundation, by giving an annual prize to former African Heads of State, does he think that this can have a real effect on the behaviour of the African leaders?

HR: Eu penso que a Fundação Mo Ibrahim pode ajudar, porque incentiva bastante o líder que vai deixar o poder e também incentiva a forma como ele está, como ele exerce o poder. No fundo, é um reconhecimento que é feito, público, mundial, ou continental, neste caso é continental, e por outro lado tem um carácter monetário, financeiro, que ajudará o líder que sair a não sair com nada, o prémio pode ajudar nesses dois aspectos. Eu penso que é uma boa iniciativa, que ajuda dessas duas formas, ajuda a pessoa a ter cuidado com a forma que conduz a sua Presidência, a sua liderança, e também, por outro lado, ele poderá ganhar o aspecto financeiro, porque vai depois ajudá-lo a terminar o seu mandato.

NC: Recently, he ran in the 2009 Presidential elections and made another attempt to try to be President of Guinea-Bissau. He came in third place in the first round. What made him want to return to the Presidency? What motivated him to return?

HR: Duas motivações: a primeira foram meus amigos que, desde de sempre, aqueles que queriam que eu me candidatasse quando eu estava na Presidência, meus amigos, meus

apoiantes, me disseram: “não, chegou a hora, o país precisa, tens que se candidatar”. Esta foi uma motivação bastante forte que eu tive, por outro lado foi algo pessoal, muito pessoal, porque, como eu disse, eu deixei a Presidência de um lado satisfeito, mas por outro lado também triste, por ver que há muita coisa por fazer e que não ia ser feita, pela minha visão as coisas não iam ser feitas. Então, eu achei que havia chegado a oportunidade de eu me candidatar e, se eu fosse Presidente, poder talvez pegar aquilo que eu vi, que pode ser feito e não está a ser feito, para levarmos a Guiné-Bissau a sair da situação em que está. Então, foram essas duas motivações: de um lado, muita pressão dos meus amigos, dos meus apoiantes, das pessoas que confiavam que viam em mim uma pessoa capaz de fazer algum trabalho e, por outro lado a minha convicção de que eu poderia levar uma contribuição positiva para a Guiné-Bissau.

NC: The election was a three men race and they were all former Presidents: former President Rosa, former President Sanhá, and former President Yala. He was able to win in Bissau and some other regions and each of the other candidates won in their regions. How does he analyse the results of the elections; how the voters voted?

HR: Os resultados para mim foram muito positivos, porque eu vi que de fato continua a haver uma vontade grande de mudança, por isso eu digo que, para mim, o resultado foi muito positivo. Também fiquei satisfeito porque as pessoas diziam que eu não era conhecido no interior, mas viu-se que eu ganhei no interior também. Por isso, digo que foi um resultado muito positivo, pois estava sem partido político, sem meios, com pouco tempo de preparação, eu consegui ficar em terceiro lugar, tendo ganhado em Bissau que é um bastião grande dos partidos que ganham sempre aqui em Bissau, e não há memória de um Presidente que ganhou com 100% aqui em Bissau, como eu ganhei. Portanto, foi tudo muito positivo. Claro, que fiquei com pena por não ter ganhado, porque eu entrei para ganhar. Mas, também, eu não fui mais longe por essas razões que eu te disse, primeiro porque não tinha nenhuma organização por trás de mim, não tinha nenhuma estrutura, tinha pouco tempo para preparar e faltavam-me os meios financeiros para por toda a máquina a funcionar. Portanto, foi só a minha figura, minha personalidade, a minha pessoa que trabalhou, e foram todas aquelas pessoas que se mobilizaram a minha volta que não pediram nada, que andaram de porta em porta, que andaram com os meios que puderam, por todos os lados, e conseguiram fazer passar a mensagem que me levaram a ter o resultado que eu tive. O resultado podia ter sido melhor, para além dessas razões que eu disse, mas entraram outros fatores bastante importantes, entraram fatores religiosos que foram trazidos para a campanha, fatores étnicos que foram trazidos para a campanha, de uma maneira que isso jogou, jogou um bocado. Como eu disse outro dia, há um sistema todo que funciona e que condiciona muito. Nós precisamos de fazer uma mudança no nosso sistema eleitoral bastante grande, bastante profunda, para que possa haver, de fato, uma maior transparência em todos esses atos.

NC: In my interview with Presidente Sanhá, he made a very clear stand that he will serve one or two terms and retire; he will never stay more than two terms. He said it is very bad when a leader does that. Does he believe President Sanhá? What does he think about President Sanhá's stand?

HR: Eu penso que ele vai fazer. Daquilo que eu conheço do Presidente Malam é que é um homem sério, um homem capaz de cumprir com a sua palavra. Mas, independente disso, também conheço o Presidente Malam: é um homem doente, é um homem bastante doente. Então, aquilo que nós pedimos é que Deus lhe dê bastante saúde para que ele tenha condições de levar o seu mandato até o fim. Desses dois fatores, de um lado eu penso que é um homem sério para cumprir a sua palavra, por outro, também há um condicionante que é a sua saúde, que é bastante frágil. Os lugares da Presidência são bastante desgastantes, desgastam muito, exigem muito, então ele terá dificuldades para poder fazer mais que um mandato. E mais que dois mandatos... terminar os dois mandatos e querer continuar, seria muito difícil.

NC: We also had an interview with Prime Minister Carlos Gomes Júnior we asked him about what system is the best for Guinea-Bissau, if is just the President or President and Prime-Minister. And, of course, he said that it should be both. Does he agree with that or does he think that a simple Presidential system will bring more stability to the country?

HR: Eu penso que em África o sistema presidencialista é o sistema melhor, porque as pessoas não estão preparadas a ver dois chefes. Aqui na Guiné-Bissau, a experiência que nós temos, quando há um problema, as pessoas chamam logo o Presidente. Pedem logo ao presidente, pedem: “ Por favor, Presidente interfira, Presidente faça...” As pessoas quando estão aflitas chamam pelo Presidente, não chamam pelo Primeiro-Ministro. Fora isto, dado que o nosso sistema, falo de Guiné-Bissau, desde que nós viemos da independência até aqui a esta parte, todo nosso sistema estava mais baseado centrado em uma única figura, o sistema presidencialista. Como é que aparece esse sistema semi-presidencialista? Esse sistema apareceu porque os políticos arranjaram esse sistema para limitar os poderes do Presidente Nino. Como eles não tinham argumentos políticos para combater o Presidente Nino, foram a Assembleia, porque a Assembleia era mais repartida (dividida), os partidos da oposição juntaram-se e obrigaram a mudar as leis, de forma que nós tivéssemos um sistema semi- presidencialista, quer dizer, o Presidente e o Primeiro-Ministro é o executivo. Quem participou muito nisso foi o Presidente Kumba Yala, na altura não era Presidente ainda, estava só no parlamento. Então o partido do PRS, mais o outro partido de Bafatá, juntaram-se e eles juntos tinham mais números que o PAIGC. Então, provocaram essa medida que foi para limitar as competências do Presidente Nino. Esta decisão, dentro daquilo que eu li, estudei e entendi, não foi tomada por uma questão ideológica, foi tomada para fazer um contra-poder ao Presidente Nino, para limitá-lo os poderes, puseram uma camisa para o Presidente Nino vestir. Tanto é que isto é verdade, que quando o Presidente Kumba chegou ao poder já depois de Nino, ele instaurou o presidencialismo na Guiné-Bissau. O Presidente Nino quando veio, quase que quis também voltar outra vez a estabelecer presidencialismo. Quer dizer que, para nós esta bicefalia, estes dois poderes, criam problemas institucionais. Se o Presidente e o Primeiro-Ministro não forem pessoas muito democráticas, pessoas que conheçam bem o sistema, estão sempre em choque. Porque o Presidente da República está em seu lugar e o Primeiro-Ministro está em seu lugar, como se não tivessem nada a ver um com o outro. Se não compreenderem que eles têm que viver juntos, que eles dois se completam, ter uma política de complementaridade, então tem sempre problemas. Por isso que eu digo que, para nós aqui na Guiné-Bissau, e eu pessoalmente porque vivi estes problemas, eu

tive meus problemas institucionais, com o próprio Carlos Gomes – ele estava no poder. Eu acho que o presidencialismo é o melhor. O Presidente mantém o seu Primeiro-Ministro e chama o seu Primeiro-Ministro para ele executar um programa que é definido pelo Presidente. Quer dizer, no fundo, um povo não pode ver dois líderes que estão a mandar. Na América, sabes que é assim, há o Presidente da República, embora tenha os órgãos de controle, tem o Senado, a Câmara dos representantes, mas é o Presidente que está, é o Presidente que dá ordens, que define as políticas, é o Presidente que conduz. Aqui, o Presidente diz vamos para a esquerda e o Primeiro-Ministro diz que não, para a direita é que é melhor, surgem os problemas. Portanto, eu, pessoalmente, a minha experiência, diz-me que o presidencialismo é o melhor. Claro, nós estamos a lidar com homens, com pessoas, e se nós não tivermos boas pessoas, não há sistema nenhum que sirva. As pessoas dizem assim: “Se for presidencialismo, há uma concentração de poderes, é bom que haja o Primeiro-Ministro e que haja o Presidente”. Mas, o Primeiro-Ministro também tem concentração de poderes. A única coisa que o Presidente pode fazer é dizer ao Primeiro-Ministro: “Eu vou demiti-lo”, e abre uma crise política no país. Portanto, para evitar tudo isso, eu para mim, é o presidencialismo.

NC: When he left power the first time, he said that he was satisfied with his work, but that he was concerned about the future, because he saw that Nino was back, they already had a war to remove Nino, etc. So he was concerned at that time about the future of Guinea-Bissau. I want to know today, in 2010, is he optimistic about the future in Guinea-Bissau? Or does he have concerns still today?

HR: Sim, a situação mudou, a situação política mudou completamente, mas continuo preocupado porque o país está a andar, os salários estão a ser pagos, as pessoas estão mais tranquilas, mas... eu sei também que há muitos problemas para resolver. O governo que está e o Presidente, eles herdaram muitos problemas. Portanto, não se pode resolver tudo rapidamente. Mas eu penso que eles estão muito distraídos, o Presidente ainda está... pouco fez, mas eu penso que o governo que está lá há um ano, penso que está muito distraído com outros problemas. A mim, aflige-me muito quando os trabalhos não são planificados, quando não há estratégias de desenvolvimento, quando nós não temos uma planificação para médio e longo prazo, estamos só a resolver os problemas do dia a dia, os problemas que vão surgindo. Portanto, eu penso que nós agora estamos em período tranquilo porque os salários estão a ser pagos, estão melhor do que estavam antes... Mas, não vão tardar a aparecer problemas, porque há muitos problemas sociais que não estão a ter a devida atenção e qualquer dia as pessoas vão começar a dizer: “Bom, isto não está bem, aquilo não está bem...”, começam a haver esses problemas. Mas, no geral, está melhor do que como estava.

NC: I asked certain questions, specific questions and that only give the him the opportunity to give the specific answer. But now that he is very familiar with the project, with the questions, I was just wondering if he, as an expert, as a former President himself, as one as the very few people with this experience... is there anything that he thinks interesting or worthwhile about leadership in Africa that he would like to share? Is there anything important to say about leadership in Africa?

HR: De todas as minhas experiências, de meus contatos, das minhas viagens, aquilo que eu acho da governação em África é que muitas vezes os líderes africanos não são eles que definem a própria política, são mais líderes muito condicionados com aquilo que lhes é imposto é transmitido de fora. Eu, muitas vezes, noto que muitas opções são tomadas e eu me pergunto: “Por que se tomou essa opção? Por que não se foi para outra opção?”. Então, aquilo que digo é mal, pois a pessoa não pensou por ela foi algo que foi trazido, pode ser que por um interesse qualquer. No fundo, eu penso que nós não agimos por nós próprios, sofremos muita influência do exterior, este é um aspecto. O outro aspecto que eu penso de nós líderes africanos, que nos falta um bocado, é estarmos próximos do povo. O líder africano ele vive em mundo virtual, as contas são pagas, os programas são feitos, mas depois a pessoa não vai verificar, não testa todo programa que ele fez, aquilo que está a ser executado se de fato corresponde àquilo que ele idealizou, e se é de fato isso que o povo precisa. Então, eu penso que esses dois aspectos são muito importantes, pelo menos eu acho, e que faltam nas lideranças africanas. Por um lado é nós, sofreremos muitas influências do exterior, e muitas vezes não agirmos por nós próprios. Por outro lado, nós estarmos muito distantes da população, não ir a população, não ver como a população vive no seu meio rural, Presidente ir lá, passar o dia com eles, o que eles comem, como comem, o sistema de saúde, de educação, as estradas, como são, como é que não são. Eu sei que o Presidente não pode viajar para qualquer lado, mas eu penso que os Presidentes africanos têm muito medo de sair, de se expor, eu vivi isto aqui na Guiné-Bissau. E eu digo sempre às pessoas, quando um líder, alguém se propõe a um plebiscito, pede a população para votar e, depois, tem medo da pessoa que votou em mim, quer dizer, então, é preferível não ser líder, ficar em casa. Eu penso que faz muita falta nós descermos, deixarmos o Palácio, deixarmos os nossos carros e irmos visitar as pessoas, ver como elas estão. Eu, durante a campanha, andei nas ilhas e vi uma miséria! E, no entanto, temos muitos carros aqui, um carro de \$30.000, \$40.000, ou Euros, que poderia resolver o problema de uma ilha, colocar lá um meio de transporte. Então, para isso, eu tenho que me deslocar, tenho que ir lá ver e interrogar como esta gente vive. E eu tenho um sentimento de que eu estou (lá), não por mim, mas por eles. Eu sinto que isso seria muito importante e eu penso que nós poderíamos viver melhor se de fato houvesse essa preocupação de saber como é que os outros vivem. Porque nós, quando ficamos na nossa casa com ar-condicionado, com viaturas, com tudo, com toda a comodidade, às vezes esquecemos que a nossa volta está muita gente que não têm nada. Então, eu penso que isto faz com que haja sempre estas tensões que podem ser reduzidas. Mais solidariedade.